**FÁTUSSENGÓLA: ESCRITA CATIVANTE
DE GOCIANTE PATISSA**

Rosana Baú Rabello¹

Nvunda Tonet²

DOI 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2018.143020

Fátussengóla, o homem do rádio que espalhava dúvidas é um livro de contos e crônicas do escritor angolano Daniel Gociante Patissa. Com uma narrativa fluida e bem-humorada, o autor elabora uma compreensão muito sensível dos movimentos do cotidiano, das conversas despretensiosas e das personagens que povoam as ruas e os bairros de Benguela, onde nasceu em dezembro de 1978.

Bastante conectado às suas origens e à defesa de maior visibilidade e valorização das línguas angolanas, o trabalho do autor enseja um diálogo rico com a língua umbundu

¹ Doutoranda pelo programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (2006) e mestrado em Letras (Literatura Portuguesa) pela Universidade de São Paulo (2011).

² Ex-docente da Universidade Lusíada de Angola (cadeira de Dependência Química), é actualmente professor das cadeiras de Psicologia Geral, Métodos de Observação em Psicologia Clínica e Psicologia Clínica Hospitalar na Universidade Óscar Ribas e psicólogo clínico no Hospital Psiquiátrico de Luanda. Além disso, colabora no portal de Psicólogos de Portugal e exerce o cargo de Editor de Cultura no Semanário Folha8, onde assina a coluna Psicologia & Você.

e com as tradições orais. Na crônica “Velho Batalha e a bicicleta que não sabia correr”, as lembranças de infância são ternamente entretecidas com o sentido das palavras na língua angolana:

Em Umbundu, quase tudo é por atalhos, servido na bandeja da metáfora, do fragmentado, da inferência [...]. A mais-velha lamentava-se de vários óbitos em dias seguidos, ao que se somou um profundo... “osongo yasenga!”. No contexto do diálogo, queria dizer que o bairro estava sem graça. Mas “osongo”, pela mesma grafia e fonia, pode também corresponder a semente, podendo ao mesmo tempo, com ligeira alteração na entoação, significar espinho. E até este último galho da polissemia parece encaixar-se, não deixando de ser uma comunidade conjunto de espinhos. (PATISSA, 2014, p. 91-92)

A profusão de sentidos que salta desse entendimento da palavra *osongo* oferece uma visada da percepção poética do escritor que, não deixando de registrar a memória afetiva e a vida que pulsa na semente, também revela os conflitos, cortes e traumas que conectam suas personagens à realidade angolana. No conto “O engenheiro”, o olhar singelo de uma menina revela a compreensão da miséria e

das aflições de um ex-militar que retornou da guerra e agora ocupa a casa que era da Tia Maria, no final da rua. É, dentre tantos, mais um “daqueles que aguardam por um médico para fazer a guerra cessar em suas mentes”. (PATISSA, 2014, p. 71)

Na “Avenida do quase”, a falta também se revela nas condições das pessoas em situação de rua: “É de loucos a avenida do quase, do sonho por rápidas melhoras, da dor” (PATISSA, 2014, p. 84). A carência e a dimensão da loucura também mostram, no entanto, um perfil de humanidade muito pulsante, de empatia e de atenção ao singular contido nas vidas anônimas, como as do senhor Sapalo, das zungueiras da praça, dos velhos que se permitem sonhar. Sonhos que se fundam no real vivido e nas possibilidades que a vida vai tecendo como princípio de esperança.

Das situações cotidianas e das memórias muito afetivas, vão se construindo impressões que dão volume, espessura e profundidade para os pequenos gestos e para diálogos despretensiosos. Em “Alma gêmea do mar”, da conversa durante o churrasco com amigos, brota o entendimento da saudade de quem partiu muito cedo e a vontade de seguir vivendo e amando. Em “O calendário da viúva”, colocam-se as barreiras e as fendas que separam e ligam a história de uma mulher independente, livre, autoconfiante e um esposo mulçumano que lhe desafia a liberdade, mas também a situa em um espaço de intenso aprendizado. Em

“Gestão dos vazios”, uma ocorrência com um cliente do balcão de atendimentos de uma companhia aérea faz pensar nas conveniências, interesses e tensões presentes nos contatos rápidos e nem sempre precisos entre clientes e atendentes.

Os personagens simples que marcam de alguma forma a memória do cotidiano de uma rua, de um bairro e de uma cidade se destacam no livro com sua singeleza e espontaneidade. Velho Batalha fica na memória coletiva como o senhor simpático que, não se sabe por quê, carregava sua bicicleta para todos os lugares sem nunca subir nela. Fátussengóla, cujo conto dá título ao livro, marca presença como sujeito excêntrico, muito eloquente, que sempre carrega um radinho velho debaixo do braço. O soba Miguel de Kangwenle faz notar os espaços em que a identidade de chefe local, de sábio ancião, precisa competir com as novas estruturas sociais e vivências da comunidade, adequando-se a elas. O professor, com estatuto elogioso de Kambuta Comunal, faz pensar nos tempos da escola e nas possibilidades que sujeitos que “calçam lentes menos estáticas” podem apresentar para “ouvir a voz das almas”, para expandir as percepções.

Do registro desse espaço de tensões que é a escola também se tece a confiança no desvio, no sinuoso, naquilo que desafia a norma e, por isso, tem potência transformadora. Ndulu tenta por todos os meios encaixar-se nesse espaço que lhe impõe uma lógica, uma fala e uma postura

reguladas pela escolarização e seus jogos de poder. Contudo, é no erro que ele potencializa questionamentos, desvela tensões e desafia a norma:

– [...] *camá-prussó, a minha mãe é hortelã...*
Uma rajada de gargalhadas ensurdeceu a turma. Ndulu quis dizer que a mãe era viúva, substantivo que, à semelhança de hortelã, em Umbundu se diz ocimbumba. Mas viúva era palavra rara nos livros da primária, vai daí ser por ele desconhecida. A gargalhada prolongou-se com a cumplicidade do professor, deixando Ndulu acabrunhado. Depois, silêncio. Outra vez risadas. Ouviu-se do fundo da sala uma voz indisciplinada:
– Mas isso ainda é mbuvi. “A minha mãe é hortelã...”
Era humilhação demais. (PATISSA, 2014, p. 14)

A partir do rompimento com essa lógica de humilhação que produz a diferença como ignorância, Ndulu vai aos poucos amadurecendo, apreciando o valor da mãe que tinha e da verdade que produziu involuntariamente “quando disse que a mãe é hortelã”.

As vozes de homens, mulheres e crianças assumem na escrita de Gociante Patissa um papel muito fluido, conduzem a um espaço imaginário, onde o pensamento resiste às intempéries do cotidiano. Os contos desenvolvidos ao longo

do livro oscilam entre o valor simbólico da ancestralidade e as vivências dos povos do sul de Angola. São quatorze contos e crônicas que apresentam um autor maduro e uma escrita poética e provocadoramente simples.

Além de *Fátussengóla, o homem do rádio que espalhava dúvidas*, Gociante Patissa é também autor dos livros de poesia *Consulado do vazio*, *Guardanapo de papel* e *Almas de porcelana*, este último publicado em 2016 pela editora brasileira Penalux. Escreveu ainda a novela *Tem pernas o tempo* e mantém ativos dois blogues: Angola, Debates e Ideias (<http://angodebates.blogspot.com/>) e Ombembwa Angola (<http://ombembwa.blogspot.com/>), sendo este um espaço de exercício e divulgação da língua umbundu.

Sendo reconhecida sua contribuição e militância em prol do umbundu, em 2012 o autor foi laureado do Prêmio Provincial de Benguela de Cultura e Artes. É também membro efetivo da União dos Escritores Angolanos, exercendo uma importante representação da literatura contemporânea em Benguela e em Angola como um todo.

Da poeira do chão de sua terra e das memórias afetivas, Gociante Patissa dá a conhecer uma literatura com a força de ternura, ironia e humor crítico que faz querer conhecer mais de seu trabalho. É dessa poeira levantada que o autor fala ao relembrar as histórias do velho Batalha: “Graças a ela, agora menos umbilical e com mais salitre, dá para colher o tempo, polido pelos sentires e dizeres daqui”. (PATISSA, 2014, p. 92) Parece-nos que essa frase diz

muito sobre o processo de olhar e remexer delicadamente as vivências do passado e do presente. Vale muito a experiência...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PATISSA, Gociante. *Fátussengóla, o homem do rádio que espalhava dúvidas*. Luanda: Grecima, 2014.

Submissão: 02/02/2018

Aceite: 05/03/2018